

TECENDO MEMÓRIAS DO CAPITAL INDUSTRIAL TÊXTIL: A INDÚSTRIA SANTA THEREZA E AS TRANSFORMAÇÕES NO ESPAÇO CEARENSE

Weaving memories of the textile industrial capital: the santa thereza industry and the transformations in cearense space

Tejiendo recuerdos del capital industrial textil: la industria santa thereza y las transformaciones en el espacio cearense



Alexsandra M. Vieira MUNIZ – Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, CE, Brasil. *ORCID ID:* <https://orcid.org/0000-0001-9607-9160>. *CURRICULUM* *LATTES:* <http://lattes.cnpq.br/7536209121503356>
EMAIL: geoalexsandraufc@gmail.com

RESUMO

O período fabril cearense inicia-se com o aproveitamento industrial do algodão, através de indústrias de tecidos em Fortaleza. A importância do estudo do capital industrial têxtil se faz perceber notadamente no espaço, além dos aspectos técnicos, econômicos e sociais, mediante a produção e reprodução espacial com as interações capital e trabalho sob mediação das forças produtivas e relações sociais de produção. Este estudo permitiu evidenciar o papel que desenvolve a indústria têxtil no espaço cearense, considerando que o Ceará constitui o terceiro maior polo têxtil do País, com uma história de 135 anos. A escolha da indústria Santa Thereza se deveu ao fato de a mesma ser uma das pioneiras na produção industrial têxtil cearense, tendo sido fundada, em Aracati, em 1893. A pesquisa de campo nos instigou ao questionamento acerca das consequências da perda de importância das indústrias de beneficiamento de algodão que moviam a economia de Aracati, o que nos levou a uma breve análise da cidade de Aracati, no auge do beneficiamento do algodão, a atuação da elite local com a fundação de indústrias, as tecnologias utilizadas, a perda de importância de Aracati ante a pujança de Fortaleza e as transformações socioespaciais pelas quais passa. Com o levantamento bibliográfico e a pesquisa de campo foi possível, dentre outras coisas, entender a dinâmica de ganho e perda de importância de cidades cearenses, como também mudanças na cartografia e consequências socioespaciais, permitindo ainda analisar em uma escala menor as relações com o intraurbano de Aracati.

Palavras-chave: Espaço urbano. Indústria têxtil. Industrialização cearense.

Histórico do artigo

Recebido: 01 março, 2019

Aceito: 05 junho, 2019

Publicado: 28 agosto, 2019

ABSTRACT

The Ceará factory period begins with the industrial use of cotton, through the textile industries in Fortaleza. The importance of the study of textile industrial capital is made noticeable in space, in addition to the technical, economic and social aspects, through the production and spatial reproduction with the capital and labor interrelations under the mediation of productive forces and social relations of production. This study allowed to highlight the role of the textile industry in Ceará, considering that Ceará is the third largest textile pole in the country, with a history of 135 years. The choice of the Santa Thereza industry was due to the fact that it was one of the pioneers in Ceará's industrial textile production. It was founded in Aracati in 1893. Field research instigated us to question the consequences of the loss of importance of the textile industries. the Aracati economy, which led us to a brief analysis of the city of Aracati, at the height of cotton processing, the local elite working with the founding of industries, the technologies used, the loss of importance of Aracati before the strength of Fortaleza and the socio-spatial transformations through which it passes. With the bibliographical survey and the field research it was possible, among other things, to understand the dynamics of gain and loss of importance of cities of Ceará, as well as changes in cartography and socio-spatial consequences, allowing also to analyze in a smaller scale the relations with the intra-urban of Aracati.

Keywords: Urban space. Textile industry. Industrialization of Ceará.

RESUMEN

El período fabril cearense se inicia con el aprovechamiento industrial del algodón, através de industrias de tejidos en Fortaleza. La importancia del estudio del capital industrial textil se percibe notablemente en el espacio, además de los aspectos técnicos, económicos y sociales, mediante la producción y reproducción espacial con las interrelaciones capital y trabajo bajo mediación de las fuerzas productivas y relaciones sociales de producción. Este estudio permitió evidenciar el papel que desarrolla la industria textil en el espacio cearense, considerando que el Ceará constituye el tercer mayor polo textil del país, con una historia de 135 años. La elección de la industria Santa Thereza se debió al hecho de la misma ser una de las pioneras en la producción industrial textil cearense, habiendo sido fundada en Aracati en 1893. La investigación de campo nos instigó al cuestionamiento acerca de las consecuencias de la pérdida de importancia de las industrias de que se llevó a un breve análisis de la ciudad de Aracati, en el auge del beneficiamiento del algodón, la actuación de la élite local con la fundación de industrias, las tecnologías utilizadas, la pérdida de importancia de la economía de Aracati ante la pujanza de Fortaleza y las transformaciones socioespaciales por las que pasa. Con el levantamiento bibliográfico y la investigación de campo fue posible, entre otras cosas, entender la dinámica de ganancia y pérdida de importancia de ciudades cearenses, como también cambios en la cartografía y consecuencias socioespaciales, permitiendo además analizar en una escala menor las relaciones con el intraurbano de Aracati.

Palabras-clave: Espacio urbano. Industria textil. Industrialización cearense.

1 INTRODUÇÃO

A indústria têxtil cearense, além de ter ligação com o espaço e história socioeconômica, tendo origem no capital local vinculado à economia cearense, causou ao longo do tempo transformações socioespaciais notáveis.

Diante disto, este artigo tem como objetivo realizar uma análise espaço-temporal do desenvolvimento industrial têxtil através do estudo de caso de uma das indústrias pioneiras na produção industrial têxtil, a indústria Santa Thereza, evidenciando o papel do

capital industrial têxtil na transformação socioespacial, analisando as relações entre espaço e indústria ao longo do tempo.

O desenvolvimento da indústria têxtil cearense pode ser dividido em quatro fases, conforme Aragão (1989; 2002): 1ª fase - 1882 a 1900 (os Pioneiros), 2ª fase - 1900 a 1960 (os Empreendedores), 3ª fase - 1960 a 1980 (os Modernos - Incentivos Fiscais e Transformações) e 4ª fase - 1980 em diante (a geração Empresarial).

Como ressalta Aragão (2002, p. 69),

A industrialização de tecidos e fios no Ceará, diferentemente de outros Estados, que investiram no setor desde o começo do século XIX, só vai ocorrer nas duas últimas décadas do século XIX, considerando-se que a primeira fábrica têxtil, a Fábrica Progresso, que foi idealizada em 1881 e registrada em 1882 com o nome de Pompeu & Irmãos, veio efetivamente a funcionar em 1883.

Tivemos o impulso à instalação de indústrias têxteis em inúmeros municípios cearenses, como Sobral, Aracati e, notadamente, Fortaleza.

Na informação de Sousa (1922, p. 21), a cidade de Aracati era “relativamente comercial e industrial, possuindo importante fábrica de tecidos crus”. No ano de 1893 foi fundada a indústria têxtil Santa Thereza, em Aracati, com a denominação de Companhia Popular Aracatyense.

Foi na primeira fase de desenvolvimento da indústria têxtil no Estado do Ceará, chamada de “os pioneiros”, dada a coragem dos que ingressaram no ramo têxtil, até então, não explorado na economia do Ceará, que tivemos a implementação das primeiras indústrias têxteis no Estado, quais sejam: Fábrica Progresso/Pompeu & Irmãos (1882-Grupo Thomaz Pompeu); Cia. Fáb. de Tecidos União Comercial (1891); Cia. Fabril Cearense de Meias (1891); Fábrica Santa Thereza (1893); Fábrica Ceará Industrial (1894); Fábrica Sobral (1895).

A interiorização da indústria têxtil sucedeu no contexto em que o cultivo do algodão se expandiu fora da capital, criando um espaço produtor de matéria-prima para alimentar indústrias locais em Sobral, Aracati, Fortaleza e fora do Estado. Sendo assim, “os primeiros estabelecimentos industriais implantam-se nas cidades coletoras dos produtos agrícolas e em Fortaleza, principal ponto de escoamento da produção cearense”. (AMORA, 2005, p. 371-372).

Assim, a primeira indústria a localizar-se fora de Fortaleza foi a Fábrica Santa Thereza, que, em 1893, foi fundada em Aracati, constituindo a 4ª indústria têxtil cearense.

O aparecimento das primeiras indústrias têxteis cearenses é viabilizado por via capital próprio dos investidores locais, oriundo dos excedentes do comércio e sem a proteção do Estado. Cabe ressaltar o fato de que, dentre os industriais deste período, havia aqueles que ocupavam cargos na política cearense.

Desta forma, é necessário fazermos o resgate histórico para entendermos os diferentes contextos que impulsionaram inúmeras mudanças e as relações socioespaciais construídas ao longo do tempo até chegar nos dias atuais, analisando as relações entre espaço e indústria diante do desenvolvimento capitalista por meio do estudo de caso da Santa Thereza. É o que temos na sequência. Assim, após esta introdução este texto foi estruturado em mais duas seções, quais sejam: 2. Tecendo memórias e transformações espaciais 3. A Indústria Santa Thereza: uma das pioneiras na produção têxtil cearense.

2 TECENDO MEMÓRIAS E TRANSFORMAÇÕES ESPACIAIS

Consoante Abreu (2011), um dos problemas no Brasil é a exacerbada ênfase na abordagem do presente, definido pelo autor como a “ditadura do presente”, que vem sendo superada. A proximidade com a história, que no início do século XX era bem maior, se faz necessária no resgate da periodização espacial. Não se trata de reconstituir o passado tal qual este aconteceu, “visto que o passado no processo de interpretação é inexato”. Ademais, “entender a indústria enquanto unidade produtiva requer entender o modo pelo qual a sociedade produz, num determinado momento histórico” (CARLOS, 1988). Daí a necessidade de entender o presente como um processo, numa análise, mesmo que sucinta, mas que integre o processo social, forma e função espacial, levando em conta o contexto maior para os padrões de cada época, ou seja, as transformações socioespaciais e as temporalidades.

Segundo Santos (1979, p. 14),

Modo de produção, formação social, espaço – essas três categorias são interdependentes. Todos os processos que, juntos, formam o modo de produção (produção propriamente dita, circulação, distribuição, consumo) são histórica e espacialmente determinadas num movimento de conjuntos, e isto através de uma formação social.

É preciso evidenciar, então, que a firma Popular Aracatyense, que depois veio a se tornar indústria Santa Thereza, teve relevante importância na economia cearense e

aracatiense, em particular, com suas atividades voltadas às potencialidades locais, notadamente ao beneficiamento do algodão.

[...]a economia aracatiense se tornou mais dinâmica, sobretudo em razão dos 110 empregos gerados, passando a ser considerada a fábrica que mais empregava na região. Por outro lado, a Popular Aracatyente abastecia os mercados das regiões Norte e Nordeste, especialmente os Estados do Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e Pará. A matéria-prima era proveniente de Jaguaribe, Limoeiro do Norte, União (hoje Jaguaruana) e Alto Jaguaribe, grandes centros produtores de algodão no Ceará (ARAGÃO, 2002, p. 150).

Como sabemos, a pecuária e o algodão, constituindo o binômio gado-algodão, foram atividades econômicas que se destacaram em escala regional. Conforme Souza (1974, apud Dantas, 2006), Aracati obteve um papel privilegiado na rede urbana, tornando-se o principal centro comercial do Ceará no século XVIII. Isto decorreu da ocupação do interior do Estado com a implantação das fazendas para a criação de gado e instalação de pequenas indústrias de produção de carne seca. Neste período, Fortaleza ocupava função predominantemente militar (GIRÃO, 1975), pois se tratava de uma pequena aglomeração, com comércio e porto de pouca importância.

[...] estando a província sob o domínio da pecuária e sob a dependência comercial de Pernambuco, a vila de Aracati¹ desempenhara o papel de principal polo comercial. Situada próximo à foz do rio Jaguaribe, centro por excelência das charqueadas, a vila servia como intermediária nas trocas mercantis com a praça de Recife. A ela articulada, encontrava-se a vila de Icó, que, localizada no alto sertão, às margens do mesmo rio, drenava toda a produção da região do Jaguaribe (TAKEIA, 1995, p. 96).

Já no final do século XVIII, o cultivo do algodão começou a despontar como importante atividade econômica. O algodão nordestino veio substituir a produção algodoeira americana, principal abastecedora de cotton, para as indústrias têxteis inglesas. A paralisação da produção do algodão dos Estados Unidos se deveu à Guerra de Secessão (1860-1865), entre o sul e o norte dos Estados Unidos. Durante o período dessa guerra, que abriu o mercado mundial para a produção cearense, o algodão substituiu o charque em importância econômica. Algodão e gado, todavia, não se colocavam como atividades

¹ “Era, de fato, o Aracati o ponto obrigatório do comércio com Pernambuco; por ele saíam a maior parte dos gêneros de exportação e entravam os artigos de importação com que se supriam as ribeiras do Jaguaribe, do Icó, o Crato e o Inhamus, através do centro de distribuição que era a vila do Icó [...]. Mais tarde, fazendo intercâmbio diretos e por terra com Recife e Campina Grande, transformar-se-ia num empório comercial de primeira grandeza” (GIRÃO, 2000, p.159).

excludentes, pelo contrário, passaram a ser o binômio determinante no desenvolvimento da região.

Com a introdução da cultura algodoeira no Ceará – no momento da Guerra Civil americana, que impediu os Estados Unidos da América de atender a demanda europeia -, este quadro se reverte à favor de Fortaleza, adquirindo seu porto uma importância fundamental no estabelecimento de relações hierárquicas entre esta cidade e os demais municípios cearenses (DANTAS, 2006, p. 271).

Em meados do século XIX, o algodão passou a ser o principal produto de exportação, sendo notória a importância que teve seu cultivo e beneficiamento para o destaque de cidades cearenses.

Como ensina Girão (2000: 223), “[...] as principais regiões produtoras do algodão eram os distritos de Fortaleza e Aracati e as serras de Baturité, Uruburetama, Meruoca, Pereiro e Aratanha”.

O desenvolvimento da lavoura algodoeira e a colocação desse produto no mercado internacional provocaram a projeção de Fortaleza como centro urbano. Pouco a pouco, a capital cearense foi adquirindo destaque entre as cidades do Estado e, posteriormente, entre as cidades brasileiras (SILVA, 2002, p. 229).

Alguns acontecimentos contribuíram para que, a partir da segunda metade do século XIX, Fortaleza se tornasse o polo econômico-social do Ceará, ao passo que as outras vilas ficaram com suas economias comprometidas, isto, dentre outras coisas, em razão dos investimentos realizados, em particular, no porto de Fortaleza, e também com a construção de uma via férrea:

As melhorias que se seguiram em seu porto, a implantação da estrada de ferro Fortaleza-Baturité (1873) e a multiplicação de firmas estrangeiras concorreram para esse inédito crescimento comercial e para a constituição da cidade enquanto mercado de trabalho urbano (PONTES, 1999, p. 14).

No lugar do porto de Aracati, que no passado estava ligado ao couro e ao charque, o porto de Fortaleza foi escolhido como local de exportação.

Conforme Silva (2013) “A construção da Estrada de Ferro de Baturité e a conexão do trem com o porto marcam o período da economia calcada no cultivo do algodão num contexto muito favorável ao Ceará e a Fortaleza. A cidade abre-se ao mundo e amplia sua relação com o sertão”.

A construção da primeira linha férrea, Baturité-Fortaleza, e a abertura de estradas (a implantação de um sistema viário) interligando a Capital com o restante do Estado, fazia convergir para a mesma praticamente toda a produção estadual (CRUZ, 2002).

A cidade de Aracati, além de perder a função de centro urbano do Ceará para Fortaleza e Sobral, também perdeu para outras cidades do vale do Jaguaribe. Como informa Silva (2002, p. 227-228), no segundo caso, esta perda se deu em consequência da exploração da carnaúba para extração de cera e outros aproveitamentos, o que provocou a interiorização de funções urbanas para Russas e Limoeiro do Norte, em detrimento de Aracati. "Fortaleza obtém um papel privilegiado nesta rede urbana, transformando-se, com a concentração da produção algodoeira para exportação e das primeiras indústrias têxteis, no principal centro urbano do Ceará e cujo devenir está umbilicalmente ligado ao Sertão" (DANTAS, 2006, p. 271).

Quanto ao beneficiamento do algodão e à importância de Fortaleza no espaço cearense, como espaço da produção industrial têxtil, podemos constatar no Quadro 01 as seis indústrias têxteis existentes até o final do século XIX, em que somente uma, a Fábrica Progresso, foi fundada na década de 1980 e duas outras se instalaram fora da capital: a Fábrica Santa Thereza que em 1893 foi fundada em Aracati e a Fábrica de Tecidos Sobral que se instalou em Sobral em 1895.

Quadro 01 – Indústrias Têxteis Cearenses no final do século XIX

Indústrias	Razão Social Inicial	Fundação	Natureza Jurídica
Fábrica Progresso	Pompeu & Irmãos	1882	Responsabilidade Solidária
Cia. Fabrica de Tecidos União Comercial	CIA. Fábrica de Tecidos União Comercial	1891	Sociedade Anônima
Cia. Fabril Cearense de Meias	Cia. Fabril Cearense de Meias	1891	Sociedade Anônima
Fábrica Santa Thereza	Popular Aracatyense	1893	Sociedade Anônima
Fábrica Ceará Industrial	De Hollanda Gurjão e Cia.	1894	Não consta
Fábrica Sobral	Ernesto & Ribeiro	1895	Sócios Comanditários e solidários

Fonte: Aragão (2002); adaptado por Muniz (2014).

Pelos dados deste quadro, percebemos o impulso à instalação de indústrias têxteis em inúmeros municípios cearenses, como Sobral, Aracati e, notadamente, Fortaleza.

3 A INDÚSTRIA SANTA THEREZA: UMA DAS PIONEIRAS NA PRODUÇÃO TÊXTIL CEARENSE

O espaço rural, mais uma vez, como no período da pecuária, serviu de primeiro lastro, para que o sistema técnico do algodão aportasse, mais tarde, aos espaços urbanos, pois a evolução de todo o processo perfaz uma marcha que tem como ponto de partida o descaroçamento/fiação no interior das fazendas e como “território do avanço” as cidades, como é o caso do Aracati com suas usinas de beneficiamento. Após uma longa fase como atividade rural, o algodão ganhou espacialidade no urbano aracatiense.

Cabe aqui atentar para a intervenção pela técnica, da relação deste espaço urbano tecnificado com espaços externos (nacional e mundial). O modo como as usinas desenharam uma nova cartografia, pautada por uma solidariedade organizacional traçada com origem na cotonicultura que incrementa antes as áreas rurais, para depois incrementar a cidade, a sua economia e, conseqüentemente, a sua urbanidade. As crises, no principal país da América Anglo-Saxônica, alavancam uma relação mundo-lugar-mundo, que faz o Ceará e especificamente a cidade de Aracati, e posteriormente, Fortaleza ocupar posição de destaque. “Já que a técnica é também social, pode-se lembrar que sistemas de objetos e sistemas de ações em conjunto constituem sistemas técnicos, cuja sucessão nos dá a história do espaço geográfico” (SANTOS, 2008, p. 332).

A verticalidade imposta pelo cenário externo, seguida de uma horizontalidade que demanda de tais externalidades, perfaz um contexto que revela a importância das indústrias na expansão urbana aracatiense.

Neste contexto, temos o destaque no centro espaço urbano aracatiense da Indústria Santa Teresa. Conforme Virgínio e Mota (2010:9) a sede da Fábrica Santa Thereza situava-se na Rua do Piolho, depois R. do Rosário (hoje Coronel Pompeu), no Nº. 58, Centro. O Armazém (Almoxarifado) funcionava aos fundos, à R. Cel. Alexandrino. Para os trabalhadores foram construídas três Vilas Operárias, próximas à fábrica.

Conforme Barbosa (2004, p. 117),

A população pobre era enterrada no local denominado de “Casa da Misericórdia” e situava-se onde foi construída a fábrica Santa Thereza. Quando foram construir a fábrica (no século XIX) encontraram restos (ossadas) dos cadáveres. A frente do cemitério ficava para a atual rua Cel. Pompeu (antiga rua do Rosário) com 50 m de frente; os fundos com 100m ficava para a atual rua Cel. Alexandrino (antiga Rua Direita).

Na informação de Sousa (1922, p. 21), a cidade de Aracati era “relativamente comercial e industrial, possuindo importante fábrica de tecidos crus”. Assim, no ano de 1893 foi fundada a indústria têxtil Santa Thereza, em Aracati, com a denominação de Companhia Popular Aracatyense.

Insatisfeitos com a perda de posição de grande centro econômico, os grupos mais abastados aracatienses, representados por proprietários de terra, farmacêuticos, comerciantes, criadores de gado, ainda que com ideologias políticas díspares, se articularam em torno de um projeto comum: a criação de uma indústria têxtil. Nascia assim a Indústria Santa Thereza (ARAGÃO, 2002, p.149).

Virgínio e Mota (2010) relatam bem a saga da família Leite Barbosa, que começa em 1890 quando o Padre Francisco Leite adquiriu uma fábrica completa de fios e tecelagem, mais a estrutura metálica durante sua viagem à Inglaterra, doando-a aos irmãos Miguel e Dr. Leite. Foi "em 1900, quando a firma “M. L. Barbosa & Cia.”, adquire a “Fábrica Santa Teresa”, localizada em Aracati e pertencente, então, à “Cia. Popular Aracatyense”. (VIANA, 2014).

A maior expressão da Economia aracatiense foi a indústria fabril, através das atividades da Fábrica de Fiação & Tecelagem Santa Thereza, sob a denominação de Miguel Leite Barboza & Cia, depois Cotonifício Leite Barbosa S/A; depois, enfim, Unitêxtil (VIRGÍNIO e MOTA, 2010, p. 9).

Pelo relato de Virgínio e Mota (2010), percebemos as péssimas condições de trabalho, com exploração de trabalho infantil e excedente de horas laborais, diferenciação de ganho quanto ao gênero, além do pagamento atribuído às horas despendidas.

Em 1909 empregava 320 operários e os salários eram diferenciados entre homens, mulheres e menores de idade. Os homens recebiam entre 800 rs e 4000 rs; as mulheres de 700 rs a 1200 rs; os menores de 14, de 200 rs a 400 rs. Estes valores tinham por base a diária de um trabalhador na indústria têxtil. [...] Em 1953 o Salário Mínimo era de Cr\$ 37,40. [...] O horário médio de trabalho era de 16 horas com descanso de 1 hora para o almoço. Não eram remunerados os domingos e feriados. (IBIDEM, p.10).

A Santa Thereza foi a 4ª. indústria têxtil do Ceará. Com um capital inicial de Cr\$ 360.000, em 1971 atingiu os Cr\$ 36.629.339, produzindo basicamente tecidos crus destinados a sacaria e fios para a fabricação de redes.

O algodão cru ou bruto era trabalhado primeiro pelo batedor, depois ia às cardas; em seguida, à passadeira, juntadeira, binadeira, fiação, noveleiro, maçarocheiro, espuladeira, urdideira e, enfim, à tecelagem.

No que se refere ao transporte de matéria-prima, este era feito em carros de boi que partiam do Aracati levando sal para retornarem com o precioso algodão de Icó e Limoeiro do Norte (SOUSA, 1922, p. 40). O algodão herbáceo era adquirido na Zona do Jaguaribe, elevando-se todos os anos o total de suas compras a mais de 1.000 contos.

No que concerne aos aspectos ligados à tecnologia industrial, a indústria Santa Thereza possuía uma máquina a vapor, 40 teares para fazer algodãozinho (tecido de algodão), dez teares para fabricar redes de dormir, entre outras maquinarias (Figura 01). O valor da maquinaria era de 2.000 contos de réis.

Figura 01 – Máquina de Tear da Antiga Fábrica Santa Thereza exposta no Museu de Aracati



Fonte: autora, 2012.

Foi durante visita ao museu do Aracati que tivemos oportunidade de nos aproximar um pouco da tecnologia utilizada nos tempos de funcionamento da fábrica.

Esta máquina de Tear pertencia à Fábrica Santa Thereza que produzia sacos de panos para o transporte de mercadorias e tecidos para rede. Devido ao nascimento de outros tipos de tecidos, fibras sintéticas, a fábrica faliu na década de 1980. (Declaração durante visita guiada no Museu do Aracati, 2012).

Para que a produção fosse possível a energia elétrica era fornecida por meio da Usina situada na R. do Comércio (depois R. das Flores, hoje Cel. Alexanzito). Só em 1971/72, o Prefeito Mário Della Rovere trouxe ao Município a energia de Paulo Afonso.

Contam os ex-operários que havia o Rego do Piche; lá, no cano do qual escorria a borra do óleo utilizado na Fábrica, os cidadãos humildes aparavam-no para assim acenderem as lamparinas (perquéis) para iluminar suas casas (VIRGÍNIO e MOTA, 2010, p. 11).

Em 1940, havia 252 teares e sua seção de fiação tinha para mais de 7.200 fusos, estando o prédio da indústria com todos os equipamentos orçado em 540:000\$000. A produção diária em 1940 atingiu 10.000m de tecidos.

Lima (1979, p. 74-75) informa que a produção diária era enviada para os Estados do Rio Grande do Norte, Piauí, Maranhão e Pará e também existiam filiais da fábrica nos referidos locais.

Em 1945, passando por um processo de expansão, é instalada uma filial em Fortaleza, a Santa Cecília, que, além da fiação, agregou a tecelagem. Posteriormente, com financiamento da SUDENE, o Cotonifício Leite Barbosa abriu mais duas filiais em Fortaleza sob a direção de Audízio Pinheiro: Santa Inês (1967) que mudou o nome para Indústria Politêxtil S/A e a Cia. Têxtil Santa Lúcia (1969), passando a fabricar tecidos mistos de poliéster e algodão e a produzir popelines. Desta forma, ampliou a cadeia têxtil, atuando em todas as etapas do processo, desde a fiação até o acabamento de tecidos, mediante a combinação de fibras sintéticas e de algodão, atendendo as demandas do mercado externo.

Conforme registrado no Anuário do Ceará (1973) é relevante notar que a Fábrica Santa Thereza, com sede em Aracati, e a Santa Cecília, localizada em Fortaleza, consumiram, em 1955, 1.600 toneladas de algodão em pluma, produzindo mais de 12 milhões de metros de tecidos e ainda cerca de 21 mil unidades de redes, representando 40% da produção de tecido no Ceará. Com isso a empresa conquistou o lugar de maior investimento têxtil no Estado (ARAGÃO, 2002, p. 151).

A Santa Thereza possuía um patrimônio de 500 teares em 1980 (nesta época a folha de pagamento chegou a 600 operários); consumia, no início da década, por volta de três milhões de quilos de lenha, usada como combustível para alimentar as caldeiras. Sua produção anual era de 60.000 peças e de 2.000 sacos de fio de algodão em novelos.

Na década de 1980, havia alguns teares de tecnologia nipo-brasileira da marca Howa. Esta década também é marcada pela crise do algodão que, segundo alguns historiadores decorreu da falta de incentivo fiscal oficial, bem como em face da introdução dos produtos sintéticos, isso já na década de 1990. Para outros, foi por conta da praga do bicudo, mas, para a maioria dos cotonicultores, tudo ocorreu por causa da crise energética com a consequente baixa na produção e a impossibilidade de atender a demanda dos mercados interno e, essencialmente, externo.

Diante desta conjuntura a Indústria Santa Thereza fecha suas portas. O Movimento Social O Apito Não Pode Parar, liderado pelo líder político peemedebista José Evaldo Silva, o petista Carlos Alberto Nascimento Nogueira (Carlão) e outras importantes lideranças realizaram grandes manifestações nesse sentido (VIRGÍNIO e MOTA, 2010, p. 12).

Em Aracati, o último gerente da indústria Santa Thereza foi o Sr. Jarbas. Ainda se encontram na cidade de Aracati o prédio da antiga fábrica têxtil Santa Thereza e a residência dos seus proprietários, testemunhando a inserção de Aracati na economia algodoeira. Nas entrevistas com moradores, pudemos perceber o papel das usinas de beneficiamento de algodão no uso e expansão do espaço urbano de Aracati.

Como a análise do espaço social, conforme Lefebvre (1974, p. 147) é “metodologicamente e teoricamente relacionada a três conceitos gerais: forma, estrutura e função”, faz-se mister analisar como o espaço ocupado por esta usina de beneficiamento de algodão, a Fábrica Santa Thereza, que incrementou a cartografia e o modo de vida urbano de Aracati, passou por mudanças de forma e função ao longo do tempo, obedecendo às novas demandas do capital e, conseqüentemente, da sociedade.

Como dizia Santos (1988, p. 88), “todo processo de produção é um processo de criação do espaço”. Sendo assim, o espaço passou a denotar outra configuração espacial e o surgimento de novas funcionalidades, isto é, modificou-se tanto a forma como a função espacial.

É neste entendimento que observamos a dinâmica na forma e função das instalações da antiga indústria Santa Thereza, que já foi ocupada pela Serraria Compescal. Isto se explica em virtude da saída/fechamento das indústrias de beneficiamento do algodão do centro urbano de Aracati, levando as atividades do setor de comércio e serviços a dominar este espaço.

Hoje as instalações da Santa Thereza são espaço de comércio (distribuidora de bebidas: Ambev; venda de alimentos: Lojão da Carne) e de festas noturnas: Clube Ferreirão (na figura 02, abaixo, é possível visualizar o clube e o local de venda de ingressos). Foi possível observar nos três turnos o fluxo de pessoas e os diversos usos do antigo espaço da indústria Santa Thereza.

Onde é o Ferreirão Clube fazia parte da fábrica, e se você entrar no prédio vai encontrar restantes da fábrica, mas a fábrica inteira era todo esse quarteirão aqui, aí destruíram quase tudo. [...]Os tecidos iam pra vários Estados, aí houve problemas relacionados à produção de algodão, o Ceará diminuiu a produção de algodão, houve uma queda na produção na região de Iguatu e isso levou a indústria a decair. (EUGÊNIO, Ricardo, há 15 anos morador de Aracati. 2012).

Figura 02 – Novos usos do antigo espaço da Indústria Santa Thereza



Fonte: autora, 2012.

O espaço ocupado pelos antigos proprietários da Indústria Santa Thereza, onde também funcionava o escritório da fábrica (Figura 03), ocupa um lugar de destaque na agenda cultural da cidade de Aracati. Hoje é a Secretaria de Turismo e Cultura e Biblioteca/Sala de cinema da Cidade. Percebemos aqui o espaço conforme a definição de Milton Santos

O espaço, considerado como um mosaico de elementos de diferentes eras, sintetiza, de um lado a evolução da sociedade e explica, de outro lado,

situações que se apresentam na atualidade. (...) a noção de espaço é assim inseparável da idéia de sistemas de tempo (SANTOS, 1985, p.21-22).

Figura 03 – Residência e Escritório dos Antigos proprietários da Indústria Santa Thereza



Fonte: autora, 2012.

O morador José Ponciano Filho, de 79 anos, presenciou as transformações na cidade ao longo desse meio século, desde que instalou seu comércio no centro de Aracati no ano de 1959.

A Casa Ponciano, aos moldes de um típico comércio do século passado, resiste ao tempo e é testemunha da mudança ocorrida em Aracati desde os tempos em que a fábrica funcionava.

Acerca da fábrica, José Ponciano nos conta que fechou por conta das enchentes e complementa: “[...] A fábrica empregava muita gente e funcionava em 3 turnos. Quando a fábrica fechou uns trabalhadores foram pra Fortaleza e outros ficaram aqui e foram indenizados.”

A pesquisa de campo nos instigou ao questionamento acerca das consequências da perda de importância das indústrias de beneficiamento de algodão, notadamente da Indústria Santa Thereza, que movia a economia de Aracati, sobretudo em razão dos empregos gerados. "Fazendo um retrospecto do seu quadro de pessoal, em seu nascimento, a empresa tinha 110 empregados, em 1912 possuía aproximadamente 150, em 1930 pouco mais de 300 e, por volta de 1945, já eram mais de 800" (ARAGÃO, 2002, p. 151).

Com a perda de importância das indústrias têxteis para a economia aracatiense, o que impulsiona as transformações socioespaciais e a economia da cidade atualmente?

Durante entrevista realizada em Aracati em abril de 2012 com jornalista da FM Canoa, ele afirmou: “O que movimenta a economia da cidade é o comércio em primeiro lugar depois o turismo e por último os recursos provenientes da prefeitura”.

Moradores revelaram que o ex-funcionário da Fábrica Santa Thereza, Expedito Ferreira da Costa, que foi prefeito de Aracati, eleito por duas vezes, tendo sido a última gestão em 2012, é o maior empresário da Cidade, sendo o dono dos maiores empreendimentos, entre os quais estão: Mirante das Gamboas que é um complexo turístico, Ferreirão Club, representante da Distribuidora de Bebidas AMBEV (nascida da fusão entre a Antarctica e a Brahma), FM Canoa, Compescal, alguns barcos de pesca e várias casas alugadas etc.

As entrevistas, observações e demais registros de campo permitiram-nos entender a dinâmica atual do município, onde pudemos perceber a busca de valorização do espaço cultural (figura 04), bem como o investimento em sistemas de objetos ligados ao lazer como forma de incentivar o turismo (figura 05).

Figura 4 – Patrimônio Histórico e Cultural de Aracati



Fonte: autora, 2012.

Figura 5 – Complexo Turístico Mirante das Gamboas: Propriedade do ex-prefeito de Aracati.



Fonte: autora, 2012.

O espaço urbano de Aracati se encontra em contínua resignificação. "O novo espaço, valorizado, constitui-se ainda que não exclusivamente, em local para novas formas espaciais abrigando novas funções" (CORRÊA, 2010, p. 151).

O grande empreendimento na cidade são as fazendas de camarões (carcinicultura), com destaque para a Compescal, com várias unidades espalhadas pela cidade.

Mesmo acompanhando a tendência mundial de investimento no setor terciário, observamos em trabalho de campo que o setor secundário continua como parte importante na economia do município, dada a presença de indústria de alimentos, como a EBBA (Empresa Brasileira de Bebidas e Alimentos que surgiu da fusão entre Dafruta e Maguary) que fica na rua Duque de Caxias, no centro da cidade de Aracati. Além desta filial, possui outras em Araguari (MG) e em São Paulo e a parte administrativa e financeira no Recife. A indústria de calçados também se fazia presente em Aracati, com a filial da AGABÊ: indústria de calçados, com sua sede em Franca-SP.

Outra atividade econômica desenvolvida na cidade são as olarias, sendo no bairro de Campo Verde onde se concentram fábricas de tijolos, telhas, cerâmicas etc. O potencial da planície fluvial favorece o desenvolvimento desta atividade tradicional desenvolvida na cidade, sendo identificadas na paisagem urbana por meio das chaminés das fábricas ceramistas.

Como sabemos, além de horizontalidades e verticalidades, o espaço demanda para seu funcionamento fluidez. “O território usado envolve objetos e ações, portanto, sinônimo de espaço humano, espaço habitado” (SANTOS, 2002, p. 16).

O aeroporto de Aracati só vem confirmar a necessidade de fluxos que requer a dinâmica do tempo presente no município. O Estado como um dos agentes produtores do espaço, procura ofertar todo o aparato tecnológico para que o capital venha a se reproduzir e, como não poderia deixar de ser, procurando acompanhar o contexto atual de busca por energias renováveis limpas e de menor custo, verificamos assim a presença de sistemas técnicos voltados à geração de energia eólica no município de Aracati.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo exposto, podemos afirmar que, este estudo permitiu evidenciar o papel que desenvolve a indústria têxtil na produção do espaço cearense, mesmo com a decadência da cultura do algodão, considerando que o Ceará constitui o terceiro maior polo têxtil do País, com uma história de 135 anos. Como também nos permitiu, dentre outras coisas,

compreender a dinâmica de ganho e perda de importância de cidades como Aracati, além de mudanças na sua cartografia e consequências socioespaciais.

Investimentos são feitos na constituição de um novo cenário de valorização espacial. Percebemos como o espaço evoluiu de um conjunto de fixos e fluxos para "um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistema de objetos e sistema de ações, não considerados isoladamente [...]" (SANTOS, 1996, p. 39).

Em meio a toda esta dinâmica do atual período, a Indústria Santa Thereza continua presente na memória dos aracatienses e, ao contrário do que pensávamos a priori, depois que a indústria Santa Thereza entrou oficialmente em falência em 1987, não foi transferida para Fortaleza com outro nome, a Unitêxtil, uma vez que a fundação da Unitêxtil ainda é nos anos de 1970, ocorrendo em 1973. O que aconteceu foi a fundição de todas as demais unidades em uma que é a Unitêxtil presente no bairro Dom Lustosa, em Fortaleza. Observamos, assim, um processo de dispersão da produção industrial, para em momento posterior se concentrar na capital.

Embora Aracati hoje não seja mais lembrado como o lugar da produção voltada ao beneficiamento da matéria-prima algodão, como parte da microrregião do Baixo Jaguaribe, este destaque se encontra no município de Jaguaruana.

Assim concluímos que mesmo com a decadência da cultura do algodão, as indústrias de gêneros tradicionais como o têxtil, de alimentos e de calçados são as que predominam no Estado. No caso das indústrias têxteis, estas se encontram concentradas na Região Metropolitana de Fortaleza pautadas em novas tecnologias diante do contexto de reestruturação produtiva e espacial.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. de A. **Geografia Histórica do Rio de Janeiro (1502 – 1700)**. Vol.1. Rio de Janeiro, Ed. Andrea Jakobsson, 2011.

AMORA, Z. B. Indústria e espaço no Ceará. In: SILVA, J. B. da; CAVALCANTE, T. C.; DANTAS, E. W. C. (organizadores). **Ceará: um novo olhar geográfico**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2005.

ARAGÃO, E. F. **O Fiar e o Tecer: 120 anos da indústria têxtil no Ceará / (coord.) [et. al.]**. Fortaleza: SINDITÊXTIL / FIEC, 2002.

_____. **A Trajetória da indústria têxtil no Ceará: o setor de fiação e tecelagem 1880-1950; Projeto História do Ceará: política, indústria e trabalho**. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará Stylus Comunicações, 1989.

BARBOSA, E. **Aracati (ce) no período colonial: Espaço e Memória**. Dissertação. UECE, 2004.

CARLOS, A. F. A. **Espaço e Indústria**. São Paulo: Contexto, 1988.

CORREIA, R. L. Inovações espaciais urbanas – algumas reflexões. **Cidades: Revista científica**, v.7, n.11, 2010.

DANTAS, E. W.; SILVA, J. B. da; ZANELLA, M. E.; MEIRELES, A. J. de A. (Orgs.). **Litoral e Sertão**, natureza e sociedade no nordeste brasileiro. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006.

GIRÃO, R. **História Econômica do Ceará**. 2. Ed. Fortaleza: UFC – Casa de José de Alencar/Programa Editorial, 2000.

_____. **Pequena História do Ceará**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1975.

LEFEBVRE, H. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 1974).

LIMA, L. C. Produção do Espaço, Sistemas Técnicos e Divisão Territorial do Trabalho. **Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales Universidad de Barcelona**. Vol. VI, núm. 119 (63), 1 de agosto de 2002. www.ub.es/geocrit.

PONTES, S. R. **Fortaleza Belle Époque: reformas e controle social (1860-1930)**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1999.

SANTOS, M. **Espaço e Sociedade**. ensaios: Petrópolis: Vozes, 1979.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1980.

_____. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. O retorno do território. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A.; SILVEIRA, M. L. **Território: Globalização e fragmentação**. 5.ed., São Paulo: Hucitec, Anpur, 2002.

SILVA, J. B. da. A Região Metropolitana de Fortaleza. In: CAVALCANTE, T. C.; DANTAS, E., SILVA, J. B. da. (Orgs.) **Ceará: um novo olhar geográfico**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2005.

_____. **Anuário de Fortaleza**. Conhecendo Fortaleza. 2013.

_____. A cidade contemporânea no Ceará. In: SOUZA, S. de(org.). **Uma nova história do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

SOUSA, E. **Álbum do Jaguaribe**. Belém: Gráfica Amazônia, 1922.

TAKEYA, D. **Europa, França e Ceará**: as origens do capital estrangeiro no Brasil. Natal: UFRN, 1995.

VIANA, C. N. **A “Família Leite Barbosa” e a indústria têxtil do Ceará**: uma relação de 115 anos. Revista do Instituto do Ceará. 2014.

VIRGÍNIO, J. H. S.; MOTA, K. N. S. **Tecendo a Memória do Aracati**: Fábrica Santa Thereza. Artigo elaborado como pré-requisito à avaliação parcial na disciplina Museologia, Urbanismo e Desenvolvimento Cultural, 2010.
